

Ética: fragmentos de reflexão

Ethics: fragments of a reflection

Prof. Dr. Tiago Adão Lara (CES e UFJF- Juiz de Fora-MG)

tiagoalara@oi.com.br

Resumo: Ética - fragmentos de reflexão aborda pontos fundamentais da problemática ética: 1) a experiência ética no processo cultural brasileiro; 2) a experiência ética e a sua consciência, para além da mediação intelectual, importante, mas não única; 3) a educação como sensibilização para a convivência madura, capaz de alimentar a autonomia, no compromisso com a totalidade.

Palavras-chave: Ética; Cultura; Educação; Estética.

Abstract: *Ethics fragments of reflection* addresses fundamental issues of the ethics problematic: 1) the ethical experience in the Brazilian cultural process; 2) the ethical experience and its consciousness, beyond intellectual mediation, important but not singular; 3) education as sensitization for a mature coexistence, capable of feeding autonomy as a commitment to totality.

Key words: Ethics; Culture; Education; Aesthetics.

1. Considerações iniciais

Apresentamos, a seguir, quatro fragmentos sobre assuntos variados, mas que se integram no processo comum da reflexão ética.

2. Primeiro fragmento: Ética e processo cultural brasileiro

A vida na eticidade define a especificidade do humano. Enraíza-se na sua condição e animal, capaz de tomar decisões, as quais transcendem os determinismos da natureza; na sua capacidade, portanto, de criar relações de convivência, com os iguais e com todos os demais seres, num concerto que é construção consciente e querida, cultivada. Implica, pois, assumir a convivência com responsabilidade, em atitude de adulto, ciente da sua contingência (imperfeição, finitude) e da sua condição de ser-em-relação, portanto, relativo e não absoluto.

No processo cultural brasileiro, quiçá do Ocidente, o cuidado pela constituição de seres humanos adultos e responsáveis é prejudicado:

1) pelo infantilismo, marcado de “vitimismo” e de “autoritarismo”, frutos de uma sociedade patriarcal, paternal ou de apadrinhamento, na qual é difusa a convicção de que, acima de nós, existe sempre um maior, capaz de nos proteger, resolver os problemas difíceis, sobre o qual jogamos a responsabilidade dos nossos atos bons ou maus. Sentimo-nos vítimas, quando nos parece que fomos excluídos do olhar benévolo e providente de quem está em cima ou quando não nos sentimos plenamente com direito de gozar dos nossos sucessos, pois nos julgamos incapazes. Nesse sentido, patriarcal, paternal, de apadrinhamento pode corresponder plenamente a matriarcal, maternal, de amadrinhamento. Ora, não é possível vida ética, sem consciência e atitude de autonomia adultas entendidas como capacidade de se assumir, na relatividade e na contingência, antídotos de todo autoritarismo egótico.

2) pelo irrealismo diante da vida e pelo *individualismo*. Paradoxalmente, a subjetividade ideal entre nós ainda continua sendo cultivada mentalmente como auto-referência e autotransparência poderosa, bloqueando os seres humanos para a experiência de sua radical inserção, na trama do jogo das várias formas de ser e de viver. Não se é educado para a percepção de que a vida de cada um e de cada grupo humano é uma fascinante tarefa de construção continuada. Não há seguranças definitivas, não há verdades absolutas. Ser ético é, em princípio, abrir-se para o concerto com a totalidade, o que exige sempre cuidadoso conserto. Somos históricos e a história é processo.

Utopias de mundos perfeitos no passado (chorados), ou no futuro (infantilmente esperados), desativam-nos ou desfibram-nos, para a tarefa ética.

Formar para a realidade, na sacralidade da sua ambigüidade ou, melhor, da sua sempre insuspeitada novidade, eis um item importante do programa de renovação ética.

3. Segundo fragmento: Pensando os fundamentos da ética

O ser humano é um ser ético. Implica isso afirmar que ele, à diferença dos outros seres da natureza, é senhor de dar rumo à própria maneira de existir, de situar-se no universo; torna-se, justamente por isso, imputável, ou seja, pode ser questionado a respeito

da própria maneira de ser e agir; torna-se responsável, capaz de dar uma resposta; urgido a dá-la.

A imputabilidade e a responsabilidade, que todos admitimos, tranqüilamente, no corriqueiro da vida, apontam para a aceitação, da parte de todos, de que a liberdade de escolha está dentro de um horizonte de justificativas. Não é admitido o capricho. Agiste, assim, baseado em quê, por quê?

Está colocada a questão ética e seus fundamentos, ou, dizendo de outra maneira, quais são os critérios éticos, nos quais se apóia determinado comportamento humano? A questão não se coloca para os outros seres vivos. Não se pergunta a uma árvore que fere os olhos de alguém, com os seus ramos, porque agiu assim. Não se pergunta ao cão, porque mordeu ao passageiro inocente. Mordeu e pronto. Se houver perguntas a fazer, respostas a cobrar, responsabilidade a aferir, dizem respeito ao dono da árvore ou do cão.

A ética dimensiona-se com a racionalidade. Temos de dar razões, justificativas da nossa maneira de ser e de agir.

Por muito tempo, na história da humanidade, as perspectivas éticas apoiavam-se na experiência religiosa. Religião e moral andavam juntas. Princípios éticos eram princípios que brotavam da experiência religiosa e que fundamentavam códigos morais, que permitiram o surgir de convivências humanas plausíveis, possibilitaram o cultivo dos costumes, o avançar da convivência civilizada, com todas as ambigüidades inerentes às construções ou produções humanas.

Com o surgir da filosofia e da ciência e com o processo de secularização em ato, inicialmente no Ocidente, e, a partir dele, no mundo, a fundamentação ética em perspectiva religiosa vai perdendo a aceitação. Aliás, a fundamentação do comportamento ético em base religiosa torna-se hoje problemática, pois a experiência religiosa é historicamente variada e, para muitos, já não constitui apelo relevante. Coloca-se, então, a questão: é possível uma ética de valor universal?

Não é viável desenhar, aqui, um panorama abrangente do que acontece, em plano de reflexão sobre a ética, no mundo de hoje. Em vista disso, apraz-me apresentar, em linhas gerais, o pensamento de Jürgen Habermas, como exemplo do que se pode pretender.

Habermas não abre mão de uma justificativa racional como fundamento de uma ética de valor universal. Não lhe parece que a morte da metafísica, decretada por grande parte do pensamento contemporâneo, feche caminho para tal empreendimento. Esforça-se por encontrar na imanência da linguagem humana, nas condições a priori que a tornam possível, a base para tal justificativa.

Afirma ele que os atos de fala avançam presunções de caráter necessitante e universal, sem a aceitação das quais, a ação comunicativa humana torna-se impensável, impossível. Antes de tudo, os falantes têm de presumir que o ato de fala satisfaça à exigência de inteligibilidade. Como pensar a comunicação pela fala, se a priori não se aceita o compromisso dos falantes com a inteligibilidade a gerar? Nos atos de fala referentes à natureza externa aos falantes, a presunção que se avança, inevitavelmente, é aquela da verdade. Se afirmo que o céu está azul, o lastro que possibilita a comunicação é a presunção de que minha afirmação corresponda à realidade constatável pelos participantes do ato de fala. Nos atos de fala referentes aos relacionamentos entre os próprios falantes, a presunção é a de que os atos a respeito obedecem a uma normatividade como critérios de avaliação ética. E nos atos de fala que tentam expressar a natureza interna dos falantes, seus pensamentos, seus sentimentos, suas vontades, a presunção que se avança é aquela da veracidade.

Não há para o ser humano, como viver humanamente, sem conviver. E não há convivência sem presunção de um medium linguístico, constitutivamente entretecido por relações que avançam compromisso de aceitação de normas a priori de convivência, que é conversação.

4. Terceiro fragmento: Ética e educação

Educar ou educar-se é humanizar ou humanizar-se, é tornar-se o animal humano, o vivente humano, aquele vivente ao qual incumbe o cuidar da própria forma de ser, de viver, de existir. O que implicam essas afirmações?

Implicam no fato de que a maneira de ser própria dos viventes humanos, ainda que profundamente arraigada no jogo das condições naturais, oferece um espaço de criatividade

para cada indivíduo da espécie. Cada ser humano tece a própria existência, numa singularidade admirável. Mas essa singularidade de existência significa, pela própria etimologia da palavra existência, uma singularidade de relacionamentos. *Sto* ou *sisto*, em latim, significam estou de pé, firme. Podemos dizer: sou, tenho um eixo, um colorido, um significado próprio, uma originalidade. Mas esse próprio, essa originalidade ou singularidade é fruto do como das minhas relações-com. Exprime isso o prefixo constituído pela preposição *ex*. *Ex-sisto* = existo, ou seja, singularizo-me, origino-me na irrepetibilidade da maneira como me situo frente aos outros, aos demais, à totalidade, ao que se coloca fora de mim, mas definindo-me também.

Se humanizar-se é criar a própria maneira de ser homem, é tornar-se capaz de inventar-se, de não submeter-se à mesmice das repetições e, se existir é relacionar-se para consistir, para definir-se na própria singularidade desse relacionar-se, a ética só pode ser entendida como dimensão constitutiva do processo de educação. Não tem como educar ou educar-se sem se orientar por um critério de escolha. O critério de escolha é critério ético, pois escolha implica juízo avaliativo. Com a escolha nos tornamos imputáveis e responsáveis. Poderão dizer-nos: você escolheu; responda por quê.

Educar ou educar-se é, pois, tornar-nos cada vez mais responsáveis por nós mesmos e também pelos outros, pois a maneira de sermos homens, já que isso implica existir, relacionar-se, afeta aos demais. O homem ou a mulher que somos, ao acontecer, compromete a humanidade inteira. Não tem como esquivar-nos dessa realidade.

Por tudo o que afirmamos até aqui fica claro que a questão da educação é uma questão social, política, ecológica, por mais que esteja destinada a fazer emergir as singularidades humanas. Aliás, o que queremos justamente enfatizar é que a sociedade sadia, a polis democrática, o mundo ecológico só são possíveis, onde as singularidades emergirem a partir do compromisso, o cuidado com as relações que deixam a vida fluir em toda sua riqueza.

5. Quarto fragmento: Ética, estética e educação

Fala-se, hoje, com certa insistência, sobre a necessidade de superar um viés por demais intelectualista na educação, para conseqüente imersão na riqueza maior de uma experiência estética. Adolfo Sánchez Vázquez em *Convite à estética*, escreve:

Os homens mantiveram e mantêm diversas relações com o mundo. Diversas são também nelas sua atitude para com a realidade, as necessidades que tenta satisfazer e o modo de satisfazê-las. Entre essas relações figuram: 1) a relação teórico-cognoscitiva com que se acercam da realidade para compreendê-la; 2) a relação prático-produtiva, com a qual intervêm materialmente na natureza e a transformam, produzindo, com seu trabalho, objetos que satisfaçam determinadas necessidades vitais: alimentação, vestuário, abrigo, proteção, comunicação, transporte etc; 3) a relação prático-utilitária, na qual utilizam ou consomem esses objetos. Em certas fases de seu desenvolvimento social, os homens constroem também outras relações, não menos vitais, como as mágicas, míticas ou religiosas. Nelas, a natureza é, respectivamente, dominada imaginariamente, entendida fantasticamente, transcendida como símbolo de outro mundo, sobrenatural. Essas relações com a natureza são intermediadas pelas que os homens constroem entre si. Entre elas se encontram as relações econômicas, políticas, jurídicas e morais que, nas formas específicas que adotar cada uma delas, e com as características que lhes impõe historicamente determinada estrutura sócioeconômica, se fazem necessárias para a própria existência dos indivíduos e da sociedade. Dentro desse sistema de relações é preciso situar também a relação estética. Embora se ache vinculada de modo diferente, ao longo de sua história, com todas as demais, essa relação oferece aspectos peculiares que não permitem reduzi-la a qualquer uma delas.

Gostaria de chamar atenção sobre a categoria relação, com a qual o autor procura elucidar a riqueza da vida humana. Viver é relacionar-se. Quanto mais ricos e saudáveis forem os relacionamentos de uma forma de vida, mais rica e saudável ela mesma é. Poderíamos, então, concluir que a educação, entendida, aqui, como decisão e ação programadas, pode definir-se como atividade voltada, toda ela, ao cultivo das relações humanas.

Ser educador profissional, nesse caso, é votar-se ao cuidado com os educandos, a fim de que sejam capazes de relacionar-se. Acontece que, apesar de discursos renovadores

e, até, de iniciativas várias de renovação, a Escola ainda é, na prática, pensada e realizada como encarregada da primeira espécie de relações, citadas por Vázquez, a teórico - cognoscitiva. Pergunte-se a um jovem: “O que você faz na escola?” A resposta será: “Estudo”. Estudo matemática, física, história etc. Para a maior parte dos professores a tarefa fundamental é ensinar uma ou algumas disciplinas. Somos herdeiros de uma tradição, a iluminista, que acreditou, fortemente, no poder do esclarecimento das inteligências, como instrumento de mudança radical da situação humana, na terra.

É claro que a relação teórico-cognoscitiva é de fundamental importância para a vida humana, portanto, para a educação. Podemos até continuar a pensar que o específico da Escola continua a ser o cuidado com o saber. Mas é importante apercebermo-nos de que educar é muito mais do que cuidar da relação teórico-cognoscitiva.

A Escola, sobretudo a básica, visa à integralidade das dimensões da existência humana. Além disso, cumpre lembrarmos sempre de que se educa, muito mais, criando espaços e tempos propícios, para que a criança e a juventude descubram, ou, melhor, criem, elas mesmas, relacionamentos que geram vida, alegria, saber, valores, disciplina, do que teorizando abstratamente sobre tudo isso. É a partir de experiências partilhadas que teorias são aprendidas e vitalmente assimiladas. E o saber se aprende, mesmo quando é resposta a questionamentos vitais. E, na vida, as relações são intrincadas, complexas, estabelecem-se apaixonadamente, confusamente, interdisciplinarmente, ou, melhor, indisciplinadamente.

A Estética é apresentada por Vázquez como saber de uma dimensão da existência humana, tematizada e valorizada em si mesma, nestes últimos dois séculos, mas que afunda suas raízes na dinâmica da vida humana de sempre, capaz de criar, continuamente, novas dimensões para si mesma.

Quando o ser humano põe-se ao trabalho de transformar a natureza, para responder aos desafios da sobrevivência, cria para si e em si mesmo possibilidades novas, riquezas impensadas, humaniza-se, aprimora-se. A dimensão estética da existência manifesta-se, então, como fruto de um relacionar-se com o mundo em termos não de utilidade, mas em termos de fruição de contemplação gozosa. O objeto, enquanto objeto estético, não é meio

ou instrumento para alcançar algo, posteriormente. O interesse por ele é gratuito, é ele mesmo. É a sua contemplação ou fruição que estão em jogo.

6. Considerações finais

Vê-se, por toda essa reflexão, que atentar à dimensão estética da vida, nas atividades pedagógicas, é atentar a uma modalidade de subjetividade, que fuja ao que o sistema dominante propõe, todo ele voltado para o interesse econômico.

Visamos um tipo de ser humano que tenha como dimensão fundamental do existir aquilo que Merleau-Ponty chama a “poesia das relações humanas, isto é, o apelo de cada liberdade a todas as outras”. Maneira esteticamente bela de conectar estética e ética. A grande arte a que somos chamados, aponta-a o filósofo, é a arte da vida e essa é, no ser humano, apelo à beleza da liberdade.

Como anda o cuidado com a dimensão estética da vida, nas nossas instituições pedagógicas? Videant consules.

Referências:

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à estética*. Trad. Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.